

PEQUENA MORFOLOGIA DO CRISTO PRIMITIVO

Por ter vivido em uma sociedade que condenava a prática do retrato, as imagens de Jesus que conhecemos foram produzidas após a sua morte

por Luiz Marques, historiador



O Bom Pastor, estátua de mármore, século IV. Museu Pio Cristiano, Vaticano

O debate sobre a existência histórica de Jesus, aberto pelo Iluminismo e em especial por Charles-François Dupuis (1742-1809), acabou se esvaziando por falta de argumentos irrefutáveis, de um lado e de outro. Poucos, hoje, contestam seriamente a historicidade de Jesus. Mas mais raros ainda são aqueles que subscreveriam a afirmação do papa Sisto IV (1471-1484), segundo a qual no célebre sudário, síndone ou mortalha de Turim (pintado no século XIV) “os homens podem contemplar o verdadeiro sangue e o retrato do próprio Jesus Cristo”. Na realidade, Jesus não possui uma imagem histórica, um retrato. Uma tal dignidade não seria compatível com sua condição humilde e, ademais, por que se o retratava na Palestina de então, se aquela sociedade ignorava ou condenava a prática do retrato?

Não menor que a dos judeus foi a resistência ao retrato promovida pelos cristãos “primitivos”, em sua cruzada contra a idolatria dos deuses ou dos imperadores divinizados. Os *Atos apócrifos de João* (XVIII), de cerca de 150-175, narram como João desautoriza a devoção a um retra-

GLOSSÁRIO

ESCATOLÓGICO: relativo à escatologia, doutrina que trata das coisas que devem acontecer no fim do mundo. De *eskhatos*, em grego, extremo, último.

TOGA PRAEETEXTA: a toga era o hábito de cerimônia do cidadão romano; a toga praetexta era ornada com uma faixa púrpura ou de outra cor, usada pelos rapazes até 16 anos e pelos magistrados.

Ícone do Mandylion de Edessa, temporo sobre madeira, século XIII, The Royal Collection Trust, Hampton Court

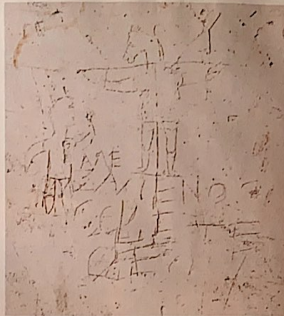


to seu, executado sem seu conhecimento e venerado em um altar: "Este retrato me assemelha", diz João a um certo Licômedes, "ou na realidade não, minha criança, mas tão somente à minha imagem carnal. Pois se o pintor que imitou minha aparência quer me representar em um retrato, ele não o fará com essas cores que acaba de me emprestar. (...) em suma, com nada que for visível". O retrato para os cristãos deve ser a imagem inefável da alma. É bem verdade que em sua *História eclesiástica* (7, 18), Eusébio de Cesareia (c. 270-339) relata a existência de um retrato esculpido de Cristo, mas o historiador da Igreja sublinha que o retrato datava dos primeiríssimos tempos do cristianismo e o explica já quase "antropologicamente", segundo o "costume dos gentios de prestar esse gênero de homenagem a todos os que eles consideravam como seus libertadores".

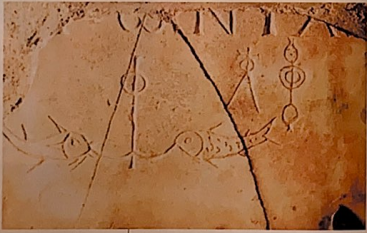
A oposição judaico-cristã ao retrato não foi forte o bastante para impedir uma ou outra tentativa de criar "Vultos santos" de Jesus vivo, ícones milagrosos e aquiópetos, isto é, não pintados por mão humana. O primeiro é o *Mandylion* (toalha) de Abgar, uma lenda não anterior ao século VI. Este rei de Edessa (hoje Urfa), na Síria, enviara um pintor para retratar Jesus, mas seu rosto brilhava tanto que o artista não conseguiu fitá-lo. Jesus aplicou então uma toalha sobre seu próprio rosto, marcando-a indelevelmente com seus traços. A relíquia, pouco conhecida no Ocidente, perde-se no saque de Constantinopla pelos cruzados, em 1204. O segundo Vulto santo é o sudário de Verônica, chamado também de *Vera Icona* (de onde o nome "Verônica"). Embora mais famoso na Europa, o sudário de Verônica teve vida curta, pois, nascido por volta de 1300, desapareceu no saque de Roma de 1527.

Uma das primeiras representações conservadas do Cristo crucificado, se não a primeira, é blasfema e floresce nos meios militares romanos do século III. Trata-se da representação de Cristo como um *Onocetes*, isto é, com uma cabeça de asno. Ela se conserva em um grafite proveniente do *Pedagogium*, a escola da guarda imperial nas encostas do Palatino, em Roma, que mostra um homem com cabeça de asno na cruz, aos pés da qual está um grego de nome Alexâmeneo a adorá-lo. Tais representações insultuosas não deviam ser raras pois a elas alude, por volta de 200, uma inflamada invectiva de Tertuliano (*Ad nationes*, I, XIV, 1) contra um certo judeu residente em Roma.

Uma das formas de contornar a antiga proibição judaica da imagem divina era a sua representação simbó-



O Cristo crucificado com cabeça de asno e a inscrição "Alexameneos sebete theon" (Alexâmeneo adora seu deus). Grafite, 38 x 33 cm, século III. Museu do Palatino, Roma. A provocação a Alexâmeneo documenta a oposição aos cristãos dos estudantes do *Pedagogium*, futuros soldados da guarda imperial



Fragmento do epitáfio de Antônia com incisões representando a âncora, símbolo da cruz, e dois peixes, símbolo do Cristo. Mármore, catacumba de Domitila, século III



O Cristo como Hélion ou Deus Sol entre as folhas da vinha, alusão aos cultos dionisíacos, proveniente do mausoléu dos Iulii, necrópole de São Pedro. Fragmento de mosaico, século III. Museus Vaticanos, Vaticano

lica, a qual se diversifica em uma tipologia que não cessa de se enriquecer ao longo do primeiro meio milênio. Nos séculos II e III, são abundantes as representações gráficas de Cristo, sobretudo a cruz, a âncora (signo da salvação) e as suas iniciais. Aos poucos a cruz (sem o crucificado) firmar-se-á como o signo central do cristianismo, mas antes que isso ocorra é igualmente corrente o monograma que Constantino teria usado como insígnia de seu exército nas vésperas da batalha da ponte Milvivo (312), na qual ele venceu Maxêncio e assenhorou-se de Roma: o *khristosmon*, superposição das letras gregas Kh (X) e Ro (P), iniciais do Cristo, rodeadas por um círculo ou uma coroa de louros.

Simultaneamente, surgem os símbolos zoomórficos, como a fênix (catacumba de Priscilla), o grifo, a águia, mas sobretudo o peixe e o cordeiro. O peixe é um acróstico, isto é, uma palavra formada pelas iniciais de uma frase, no caso *Ihristos Theou Uios Soter*, ou seja, "Jesus Cristo filho de Deus Salvador", cujas iniciais formam a palavra *ihthys*, peixe, em grego. Esse signo é já atestado em



Lastra sepulcral de Licinia Amias. Mármore, fim do século III ou início do IV. Museu Epigráfico das Termas de Diocleciano, Roma. A âncora e os peixes são signos de Cristo. A inscrição em latim e em grego combina formulas pagãs e cristãs: "Aos Deuses Manes. Peixe dos Vivos. A Licinia Amias benemerita, viveu [durante os anos...]"



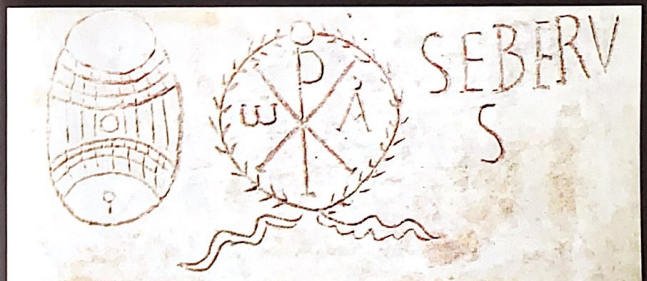
Estátua do Cristo docente, mármore, 72 cm, século III ou IV. Museu Nacional Romano, Roma. O Cristo é representado imberbe, com o rótulo e gesto magisterial, em ato de ensinar os apóstolos



GRANDES TEMAS JESUS



Cristo docente entre os apóstolos. Afresco do fim do século III. Cemitério Anônimo de Via Anapo, Roma. Cristo e os apóstolos são representados com a toga praetexta, ornada por uma faixa, típica da toga dos magistrados



Lastra sepulcral de Seberus com um barril, alusivo à profissão do defunto. Ao centro, uma coroa de louros com as letras gregas Kh (X) e Ro (P), iniciais de Khristos, entre o alfa e o ômega, significando o princípio e o fim. Museu Pio Cristiano, Vaticano



Sarcófago de Probo. Mármore, final do século IV. Grotas da basílica de São Pedro, Vaticano. Cristo imberbe, de pé sobre os quatro rios do paraíso, com a cruz incrustada de gemas e o rótulo das Escrituras na mão esquerda. A seu lado, são Pedro e são Paulo. Nos nichos laterais, os apóstolos

meados do século II, nos *Oráculos sibílicos*, e conserva-se em ao menos duas dezenas de inscrições cristãs anteriores a Constantino. Em torno dele tece-se uma simbologia imaginosa. O peixe está presente à mesa nas pinturas da Santa Ceta, das catacumbas à mais famosa delas, a de Leonardo da Vinci. Frédéric Manns, que estudou o assunto, cita fontes diversas segundo as quais dois peixes imensos, Leviatã e Behemot, serão servidos na refeição preparada por Deus para os justos ao final dos tempos. Na Idade Média era popular o versinho inventado ou transcrito por santo Agostinho: *Piscis assus Christus passus*, o peixe frito é como o Cristo em sua Paixão. Não por acaso, o peixe era até há bem pouco refeição obrigatória nas sextas-feiras de penitência, sobretudo na Quaresma, os 40 dias que vão da Quarta-feira de Cinzas à Páscoa.

Após o século IV, o cristianismo triunfante preferirá, ao peixe, o cordeiro de Deus (*agnus Dei*). A concordância com o Antigo Testamento torna-se sempre mais sistemática e, como se sabe, o cordeiro pascal era a vítima eleita das oferendas divinas entre os judeus, povo de pastores. Além disso, ao contrário do peixe, a identificação de Cristo com o cordeiro explicita-se no Evangelho de João (1, 29 e 19, 36) e em Paulo (Cor, 5,7). É sempre o cordeiro que resurge em uma das mais espetaculares visões do Apocalipse atribuído a João (5, 6), na qual o animal abre o apavorante livro dos sete selos. Ele será por isso, sobretudo, o símbolo do Cristo do Apocalipse, cordeiro que vence o dragão, arquetipo de diversas religiões antigas, como bem lembra o já citado Charles-François Dupuis.

Progressivamente, contudo, os símbolos zoomórficos



Grifo. Lastra marmórea de um parapeto de altar (*transenna*), séculoX ou XI, arte bizantina. 90 x 72 cm. Sacro Monastério de Vatadon, Tessalônica, Grécia. Guardião de altares e tumbas, o grifo, parte leão, parte águia, é símbolo da natureza dual de Cristo, homem e Deus



Plaqueta votiva com a cruz entre os olhos. Ouro, 6 x 4 cm, Roma, séculos VI-VII. Museus Vaticanos. Ex-voto. Assim como os pagãos, os cristãos dedicavam à divindade, no caso a cruz com gemas, plaquetas representando a parte do corpo curada por uma graça obtida



O Bom Pastor. Afresco do século IV, cubículo do Bom Pastor, da catacumba de Domitilla, Roma

vão sofrendo a concorrência das representações antropomórficas. Note-se, aliás, uma curiosa inversão: à medida que Cristo assume forma preponderantemente humana, os homens assumem metaforicamente formas de animais, em especial peixes, cabritos e cordeiros. Nas pinturas das catacumbas e nos relevos dos sarcófagos, antes mesmo que se ergam as primeiras basílicas no século IV, vemos surgir toda uma tipologia do Cristo antropomórfico, que absorve muito das representações funerárias pagãs e que poderíamos talvez dividir em quatro tipos fundamentais: o primeiro é o Cristo que zela por sua congregação de fiéis, sobretudo pela ovelha desgarrada, e assume as formas do "Bom Pastor", do Cristo da ágape eucarística, do "Cristo Pescador de Almas" (metáfora do fiel como peixe).

O segundo tipo é o Cristo solar, ressuscitado, onipotente (*pantocrator*) e tronante, imperador do Universo (o Alfa e o Omega), anunciando seu retorno iminente (*parousia*), o juízo final da humanidade e o fim do mundo. Este Cristo escatológico (*ver glossário*) tem em geral barba e feições impassíveis, se não ameaçadoras, e é comum vê-lo separando os bons dos maus, respectivamente ovelhas e cabritos, conforme mostra um sarcófago do Metropolitan Museum de Nova York. A imagem remonta à formidável passagem em que Mateus (25, 31-33) descreve a implacabilidade do juiz no dia da ira: "E ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos".

O terceiro tipo é o Cristo taumaturgo, não raro empunhando uma espécie de varinha mágica, com a qual realiza os milagres descritos nos evangelhos. O quarto tipo, enfim, é o Cristo docente, em geral muito jovem e imberbe, o *puer senex* (criança velha), sentado em sua cadeira magisterial com a toga *praetexta*, ensinando os apóstolos. Esse tipo é muito comum nas catacumbas, mas também no período sucessivo, e uma estátua sua de prata foi doada pelo imperador Constantino à basílica de Latrão.

A evolução fundamental dessa tipologia, na passagem do primeiro para o segundo milênio, será do Cristo solar e triunfal para o Cristo da Paixão, agonizante ou morto na cruz. É de fato raríssima a representação do Cristo crucificado nos primeiros séculos e nunca ocorre de o ver morto ou em sofrimento. É só a partir do segundo quarto do século XIII que o *Christus triumphans* cederá definitivamente lugar ao *Christus patiens*. Outra tipologia então nascerá, com suas Sagradas Famílias sentimentais, mas, ao mesmo tempo, com suas ênfases nas atrocidades do suplício e da crucificação. Mas essa é já outra história.

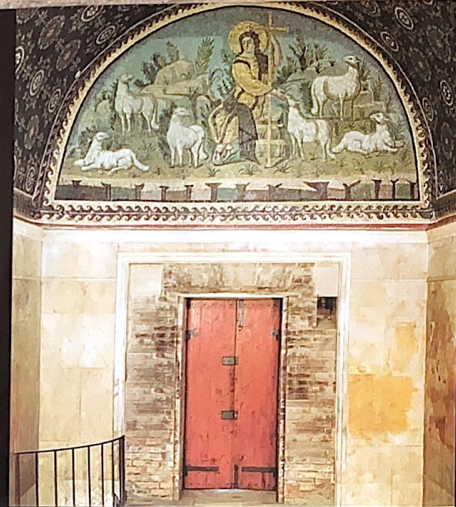
LUIZ MARQUES é doutor em história da arte (IHESS, Paris), professor do Departamento de História da Unicamp e consultor de História Viva



O Cristo *pantocrator* (Onipotente), Mosaico do século XI na abóbada do monastério de Dafni, Grécia. Imagem do Cristo do juízo final, com o livro da Lei, rodeado por 16 profetas



Busto de Cristo entre o Alfa e o Omega. Uma das primeiras representações do Cristo com barba, final do século IV e início do século V. Catacumba de Commodilla, cubículo de Leon, Roma



O Bom Pastor entre as ovelhas. Mosaico, século V. Mausoléu dito de Galla Placidia



Sarcófago dito de Constâncio III. Mármore, caixa de 95 x 228 x 98 cm; tampa de 71 x 245. Século V. Mausoléu dito de Galla Placidia, Ravena. O cordeiro apocalíptico sobre os quatro rios do paraíso entre dois cordeiros, símbolos de Pedro e Paulo